



1984: Arquétipo de Sociedade Espetacular Disciplinada¹

Pablo LAIGNIER²

Sara MARTINS³

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o romance *1984*, do escritor George Orwell, sendo estabelecido um paralelo com o conceito de Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord e a Sociedade Disciplinar de Michel Foucault. Na primeira seção é apresentado o autor de *1984* e os aspectos centrais do livro, além de um breve contexto do mundo na época em que ele foi escrito. Na segunda seção, são apresentadas algumas teses da obra *A Sociedade do espetáculo*, de Debord e a exemplificação dessas teses no texto orwelliano. A terceira seção foca a ideia de uma Sociedade Disciplinar, descrita por Foucault em *Vigiar e Punir* e percebida através da estrutura de *1984*.

PALAVRAS-CHAVE: 1984; Teoria da Comunicação; vigilância; espetáculo; Orwell.

1. 1984: Autor e Obra

Eric Arthur Blair não é um nome familiar ao grande público. Ele nasceu nas Índias Britânicas e teve uma participação voluntária na Guerra Civil Espanhola, sendo militante do Partido Operário de Unificação Marxista. Durante o confronto, foi alvejado na garganta e ficou com a fala prejudicada. Apesar de não ser um autor conhecido, seu pseudônimo, George Orwell, influenciou e ainda exerce influência na literatura, cinema e cultura popular. Com uma produção literária de ensaios e poemas, Orwell foi reconhecido principalmente por seus romances, em especial *A Revolução dos Bichos* e *1984*. A identificação e interpretação das teorias comunicacionais exemplificadas em *1984* são o mote deste artigo.

Orwell escreveu num período em que o mundo passava por guerras e transformações. O autor declarou: “Servi na polícia das Índias durante cinco anos, ao

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Orientador do trabalho. Doutorando em Comunicação pela ECO/UFRJ e professor da UNESA, email: pablolaignier@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UNESA, email: saramartinsrio@gmail.com.



longo dos quais passei a odiar o imperialismo, ao qual eu próprio servia, com uma força que ainda hoje não sei explicar”⁴. O imperialismo caracteriza-se pela exploração das nações europeias, que detinham o poder financeiro e de produção industrial sobre outras economicamente desfavorecidas. “A Europa traz dos demais continentes produtos agrícolas e industriais em estado bruto, que ela própria transforma, enquanto desempenha o papel de provedora de produtos manufaturados para os países novos.” (BERSTEIN, MILZA, 2007, p. 62).

Dessa forma, surgem os países exploradores e os explorados. “Em 1914, a partilha do mundo está concluída, beneficiando fundamentalmente os britânicos.” (BERSTEIN, MILZA, op. cit., p. 66). Essa divisão gerou animosidade entre os vizinhos europeus. Além disso, novas potências fora do continente foram erigidas. Estados Unidos e Japão entram em cena para disputar matérias primas e mercados consumidores. O embate de interesses culminou na Primeira Guerra Mundial e posteriormente, na Segunda Guerra Mundial.

O fim do segundo grande confronto acarretou em uma sociedade que transitava entre aspectos dicotômicos: tanto progressista e eufórica, com a perspectiva de um novo tempo de paz e progresso, quanto pessimista e catastrófica, ao antecipar um possível retorno dos tempos de *Pax Armada*⁵, ou prever o embate ideológico do capitalismo e comunismo. Tais sentimentos divergentes não impediram um novo florescimento da economia mundial, tendo os Estados Unidos como vitrine de progresso e avanço. Entretanto, a situação europeia era diametralmente oposta ao crescimento americano. Por ser o palco principal dos conflitos, a Europa de modo geral estava empobrecida e até mesmo as ações mais básicas de atendimento eram precárias frente ao caos instaurado.

O romance *1984* foi publicado no ano de 1949, durante a Guerra Fria, conflito ocorrido após as duas grandes guerras. O livro pode ser considerado como uma distopia. O prefixo grego *dis* ou *dys* (δυσ) denota “mau”, “anormal”, “estranho”. *Topos* (τόπος) refere-se a lugar. O termo grego *ou* (ου), quer dizer “não”. Dessa forma, utopia poderia ser traduzida por “lugar nenhum” e distopia seria “lugar mau”. (GINGRICH, 1981). A

⁴ ORWELL: 2005, contracapa.

⁵ O conceito da *Pax Armada* pode ser atribuído ao escritor romano *Publius Flavius Vegetius Renatus*, autor da célebre *Epítomæ rei Militaris*, aproximadamente em 390 d.C.. No *liber III*, o escritor orienta que “*Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum*”, corrompida para “*si vis pacem, para bellum*”, cujo sentido pode ser traduzido como “aquele que deseja a paz deve preparar-se para a guerra”, ou seja, apenas através da posse de armamento superior pode-se manter um estado de paz com os países vizinhos. Para o texto integral de *Publius Flavius*, ver <<http://tinyurl.com/2e8fa4d>>. Consultado em Julho de 2009.



distopia é uma utopia às avessas (antiutopia), onde o totalitarismo, ausência de liberdade e poder de escolha são marcantes. Há o controle da sociedade por sistemas herméticos e opressivos, que cerceiam o pensamento individual, na tentativa de suprimir ataques e contestações à ordem vigente. Alguns exemplos do gênero: os filmes *Blade Runner*, *Equilibrium*, *Matrix* e os livros *Revolução dos Bichos*, do próprio Orwell e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley.

O cenário de 1984 é a Oceania, um dos três fictícios superestados do mundo. Seu território abrange as Américas, ilhas do Atlântico e a parte meridional da África. O regime de governo é totalitário, controlado pelo Partido, denominado Ingsoc (Socialismo Inglês), que tem como lema “GUERRA É PAZ. LIBERDADE É ESCRAVIDÃO. IGNORÂNCIA É FORÇA” (ORWELL, 2005, p. 7). O principal ícone do Partido é o Grande Irmão, face conhecida por todos, não pessoalmente, mas através de cartazes e vídeos. É requerido que os indivíduos não apenas respeitem o Grande Irmão, mas também o reverenciem e o amem. O Partido Interno, o “cérebro” que exerce o poder, é composto por seis milhões de membros, que constituem menos de dois por cento da população. Sob seu comando, trabalha o Partido Externo, que tem como função executar ordens.

A maior parcela da população é constituída de oitenta e cinco por cento dos chamados proles, a classe baixa. Essas pessoas não eram severamente vigiadas e o Partido não dava muita importância às suas atividades, pois não representavam uma ameaça real ao sistema. “Alguns agentes da polícia do pensamento estavam sempre entre eles, soltando boatos, marcando e eliminando os poucos indivíduos julgados capazes de se tornar perigosos; mas não se tentava doutriná-los com a ideologia do Partido.” (ORWELL, op. cit., p. 73). O Partido às vezes apelava para o patriotismo primitivo presente nessa classe baixa, no intuito de fazer com que eles trabalhassem mais que a carga habitual. No tangente a outras atividades, eles eram livres do jugo do Partido, de acordo com um dos seus lemas: “Os proles e os animais são livres”. (ORWELL, idem).

Os superestados estão em permanente estado de guerra, que acaba com vidas e diversos produtos. Esse constante conflito impede que haja a consciência que é possível viver em paz, sem a carência de produtos básicos. Um aparelho de barbear ou um cadarço de sapato, por exemplo, não eram encontrados com facilidade e quem os possuía, usava o bem até que ele se tornasse completamente inútil. A presente e infanda escassez causava desconforto e alijava o pensamento, situação imprescindível para o grupo no poder. “Na prática, as necessidades da população são sempre subestimadas, e



o resultado é haver uma escassez crônica de metade dos requisitos indispensáveis para a vida, mas isto é considerado vantagem. É uma política de manter perto o sofrimento.” (ORWELL, op. cit., p. 184)

Esse sofrimento é verificado na vida de Winston Smith, protagonista do livro. Ele tem trinta e nove anos, saúde abalada, magreza aparente e uma variz ulcerada que provoca dor em sua perna. Winston faz parte do Partido Externo e trabalha no Ministério da Verdade, cuja função é assegurar que tudo que o partido anuncia tenha coerência no momento presente. Era indispensável que sempre todos os registros escritos coadunassem com o que o Partido apregoava. Além do Ministério da Verdade, que supostamente era encarregado das notícias, diversões, instrução e belas-artes, o governo era dividido em mais três Ministérios: “o Ministério da Paz, que se ocupava da guerra, o Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem, e o Ministério da Fartura, que acudia às atividades econômicas” (ORWELL, op. cit., p. 8). Todos eles tinham uma função inversa ao seu nome, subvertendo o sentido original das palavras.

A subversão do significado das palavras e também a supressão de vocábulos gerou a *Novilíngua*, que ainda não estava totalmente acabada nem era usada plenamente pelos indivíduos. O objetivo do Partido era restringir a gama de raciocínio e até dizimar certos tipos de pensamentos, torná-los literalmente impensáveis. Se atualmente, as pessoas precisam de disciplina para não pensar algo que seja contra o Partido, no futuro essa disciplina não será mais necessária, pois não será possível conceber certas ideias. “Até a literatura do Partido mudará. Mudarão as palavras de ordem. Como será possível dizer ‘liberdade é escravidão’, se for abolido o conceito de liberdade?” (ORWELL, op. cit., p. 54).

No contexto de 1984, percebe-se que os indivíduos vivem sob a ideologia do Partido, sendo nesse caso o termo *ideologia* uma ideia no sentido crítico-negativa postulada por Marx e Engels no livro *A Ideologia Alemã*. Segundo essa visão, os conceitos que imperam são sempre os da classe dominante, que trabalha com o falseamento do real e transmite suas ideias para a classe dominada. Assim:

As ideias [*Gedanken*] da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; ou seja, a classe que é força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam a elas submetidas, ao mesmo tempo, as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual. As ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes compreendidas sob forma de ideias; são, portanto, a manifestação das relações que transformam



uma classe em classe dominante; são dessa forma, as ideias de sua dominação.
(MARX, ENGELS, 2008, p. 78)

Não obstante à dominação via ideologia, em 1984 percebe-se que os indivíduos vivem permeados por uma invariável representação irreal da realidade. Essa representação é descrita e analisada por Guy Debord, conforme é considerado a seguir.

2. 1984 : Exemplificação da Sociedade do Espetáculo

O livro *A Sociedade do espetáculo*, escrito por Debord, é considerado uma teoria crítica, segundo o próprio autor. A obra foi lançada em 1967, no contexto da Internacional Situacionista⁶, um ano antes da eclosão das transformações que marcaram o mês de maio em 1968⁷. O texto desenvolve um conceito monolítico e de totalização do espetáculo através da análise de um estágio específico da sociedade capitalista, quando a mídia e a sociedade de consumo abarcaram o senso espetacular, uma vez que o espetáculo é anterior à mídia e ao consumo massivo. Esse fato pode ser verificado em um conselho de Maquiavel, que escreveu *O Príncipe* no século XVI. Segundo o autor, o príncipe “deve, nas épocas propícias do ano, proporcionar ao povo festas e espetáculos” (MAQUIAVEL, s.d., p. 93).

Debord não se detém à análise nem à crítica da produção de espetáculos específicos, como uma peça de teatro, um filme ou um fato que persiste jornalisticamente na mídia. Ele próprio produziu um filme homônimo ao livro *A Sociedade do Espetáculo* e não critica ou questiona apenas às técnicas ou a produção em

⁶ A Internacional Situacionista (IS) foi fundada em 1958 e dissolvida em 1972 por Guy Debord. O último número da revista, de nome homônimo ao movimento, teve um total de doze edições e parou de ser publicada em 1969. No período de sua existência, não reuniu mais que setenta membros. Dezenove desligaram-se e quarenta e cinco foram expulsos por Debord. A teoria crítica, produzida e publicada pela Internacional Situacionista poderia constar como condição prévia para qualquer programa revolucionário onde o proletariado não tivesse sido abolido e o capitalismo continuasse a desenvolver a sua "alienação", segundo os próprios integrantes. (CENART, 2010)

⁷ Maio de 68 foi marcado por uma onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional francês. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores que atingiu o governo de Charles de Gaulle. Os universitários se uniram aos operários e promoveram a maior greve geral da Europa, com a participação de cerca de 9 milhões de pessoas. Isso enfraqueceu politicamente de Gaulle, que renunciou um ano depois. A reação brutal do governo só ampliou a importância das manifestações. O Partido Comunista Francês anunciou seu apoio aos universitários e uma influente federação de sindicatos convocou uma greve geral para o dia 13 de maio. No auge do movimento, quase dois terços da força de trabalho do país cruzaram os braços. Pressionado, no dia 30 de maio o presidente convocou eleições para junho. Com a manobra política que desmobilizou os estudantes e promessas de aumentos salariais que fizeram os operários voltarem às fábricas, o governo retomou o controle da situação. As eleições foram vencidas por aliados de de Gaulle e a crise acabou. (PIACENTINI, 2008)



si. Debord estabelece uma crítica à realidade e oferece alternativas para uma possível revolução da ordem espetacular vigente sob um ponto de vista mais abstrato e generalizado de espetáculo. Ele ressalta que o espetáculo não está restrito apenas “pelo simples olhar, mesmo que esteja acoplado à escuta.” (DEBORD, 2009, p. 18) e trabalha com a ideia de passividade, visto que os indivíduos estariam conformados e submissos ao espetáculo.

Abaixo, serão expostas algumas passagens de *1984* e a devida concatenação com teses de Debord. Conforme mencionado, o Grande Irmão era o ícone de poder usado pelo Partido para instilar respeito nos indivíduos. Sua face estava em todos os lugares, sendo impossível ignorá-lo. “Sua função é a de ponto focal para o amor, medo, reverência, emoções que podem mais facilmente ser sentidas em relação a um indivíduo do que a uma organização.” (ORWELL, 2005, p. 200). Havia um cartaz com sua figura em cada patamar do prédio onde Winston Smith, personagem principal morava. De acordo com ele, o Grande Irmão “era uma dessas figuras cujos olhos seguem a gente por toda parte.” (ORWELL, op. cit., p. 5). Essa face e o que ela representava era o cerne simbólico que permeava a visão, onde quer que fosse.

Parecia não haver cor em coisa alguma, salvo nos cartazes pregados em toda a parte. O bigodudo olhava de cada canto. Havia um cartaz defronte, O GRANDE IRMÃO ZELA POR TI, dizia o letreiro, e os olhos escuros procuravam os de Winston. Ao nível da rua outro cartaz, rasgado num canto, drapejava ao vento, ora cobrindo ora descobrindo a palavra IGNOSC. (ORWELL, op. cit., p. 6)

Além dos diversos cartazes em locais públicos e prédios do governo ou habitacionais, havia uma enorme gama de objetos com a face do Grande Irmão. Segue a narrativa de Orwell sobre essa presença que foi produzida e era propagada para se tornar onipresente:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas, porém nítidas, liam-se as mesmas frases; do outro lado a cabeça do Grande Irmão. Até do dinheiro aqueles olhos o perseguiram. Moedas, selos, capas de livros, faixas, cartazes, maços de cigarro – em toda parte. Sempre os olhos fitando o indivíduo, a voz a envolvê-lo. Adormecido ou desperto, trabalhando ou comendo, dentro e fora de casa, no banheiro ou na cama – não havia fuga. Nada pertencia ao indivíduo, com exceção de alguns centímetros cúbicos dentro do crânio. (ORWELL, op. cit., p. 28)

De acordo com a nona tese de Debord, “no mundo *realmente invertido*, a verdade é um momento do que é falso.” (DEBORD, 2009, p. 16). O mundo de *1984* experienciava essa falsidade, já que ninguém nunca vira pessoalmente o Grande Irmão,



ou tinha certeza de sua existência real, como um ser humano. Ninguém lembrava ao certo quando ele surgiu e nem era possível determinar se ele morreria, ou melhor, desapareceria, pois era um espectro criado pelo Partido. Porém, sua imagem, existência e ideais eram transmitidos e aceitos como se ele, indubitavelmente, fosse real. Mesmo tendo em mente que *1984* é uma obra fictícia e que *A Sociedade do espetáculo* faz uma análise pontual com contexto já explicitado acima, é possível dizer que a sociedade narrada por Orwell é espetacular e que “o espetáculo confundiu-se com toda a realidade, ao irradiá-la.” (DEBORD, op. cit., p. 173). O Partido espalhava mentiras como se fossem verdades e com isso, embaralhava irreal e real, não sendo possível distingui-los. Segundo a oitava tese, “a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente.” (DEBORD, op. cit., p. p. 15). No tangente a *1984*, isso é literal.

O Ministério da Verdade encarregava-se de assegurar que o Partido sempre parecesse certo e os registros eram alterados continuamente. Com isso, alterava-se também o passado.

Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desta forma, era possível demonstrar, com prova documental, a correção de todas as profecias do Partido; jamais continuava no arquivo uma notícia, artigo ou opinião que entrasse em conflito com as necessidades do momento. (ORWELL, 2005, p. 41)

As provas materiais dessas alterações no que já havia ocorrido também eram aniquiladas. Mesmo se alguém lembrasse o que de fato transcorreu, não seria possível provar ou contestar o que era difundido. Winston, como membro do Partido Externo, executor de modificações no passado segundo as ordens do Ministério da Verdade, convivia diariamente com isso:

Nem mesmo as instruções escritas que Winston recebia, e das quais invariavelmente se desfazia assim que as cumpria, ordenavam ou insinuavam qualquer ato de falsificação: a referência era sempre a erros, enganos, equívocos, más interpretações que precisavam ser corrigidos, no interesse da exatidão. (ORWELL, op. cit., p. 42)

A alteração do passado feita pelo Partido em *1984* é outro paralelo passível de ser estabelecido com uma descrição presente em *A Sociedade do espetáculo*. Segundo Debord, “O poder absoluto suprime a história de modo tanto mais radical quanto mais ele for levado a isso por interesses ou obrigações impreteríveis, e sobretudo se encontrou facilidades práticas de execução.” (DEBORD, 2009, p. 177). Essa facilidade de execução existia. Os funcionários eram instruídos e praticamente programados para



extinguirem as ordens e provas. O descarte era feito de forma imediata, após a assimilação do que deveria ser mudado, não para sempre, mas até o momento que uma nova alteração fosse necessária. Debord afirma que:

É permitido mudar todo o passado de alguém, modificá-lo radicalmente (...) A autoridade espetacular pode negar qualquer coisa, uma vez, três vezes, e afirmar que não falará mais disso, e falar de outra coisa; pois sabe que não está sujeita a nenhuma outra réplica em seu próprio terreno, nem em outro. (DEBORD, op. cit., p. 180, 181)

Essas contínuas modificações no passado para total controle e poder do Partido acarretam na mutilação da História dentro da história imaginária de 1984. Afinal, “‘Quem controla o passado’ dizia o lema do Partido, ‘controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado’. E no entanto o passado, conquanto de natureza alterável, nunca fora alterado. O que agora era verdade era verdade do sempre ao sempre.” (ORWELL, 2005, p. 36). Verdade somente pela inversão do próprio conceito do termo. Conforme a tese 108 de Debord:

Quando a ideologia, tornada absoluta pela posse do poder absoluto, transforma-se de conhecimento parcelar em mentira totalitária, o pensamento da história fica tão aniquilado que a própria história, no nível do conhecimento mais empírico, já não pode existir. A sociedade burocrática totalitária vive em um presente perpétuo, no qual tudo o que aconteceu só existe para ela como um espaço acessível à sua polícia. (DEBORD, 2009, p. 74)

A polícia mais importante para o Partido e a que mais atemorizava em 1984, era a Polícia do Pensamento, que esquadrihava ações e idéias, a fim de procurar algo que as pessoas pudessem fazer ou pensar contra o Partido. Eles estavam sob constante vigilância e suscetíveis à disciplina, conforme é narrado a seguir.

3. 1984: Exemplificação da Sociedade Disciplinar

O livro *Vigiar e punir*, de Michel Foucault aborda as transformações ocorridas no direito penal e nas punições aplicadas aos presos no decorrer da História. Através da análise de documentos e pesquisas, ele detecta e aponta o sistema punitivo usado em cada sociedade. De acordo com o autor, uma delas existiu durante a Idade Média⁸ e pode ser denominada por sociedade de soberania, já que o soberano era a figura central, o símbolo do poder político. O exercício desse poder era caracterizado pelo suplício, em

⁸ O período chamado de Idade Média foi caracterizado pelo feudalismo. Nesse sistema, havia rígida estratificação social, as propriedades eram agrárias e a economia, de subsistência. Rei, clero e os senhores feudais detinham o poder político.



caso de sublevação contra o rei. Dependendo do crime, o preso poderia ficar em uma masmorra, sem ver e sem ser visto ou ser usado como exemplo em espetáculos públicos que tinham como o fito ser “um cerimonial para reconstituir a soberania lesada por um instante. Ele restaura manifestando-a em todo o seu brilho” (FOUCAULT, 1997, p. 49). Esses cerimoniais contavam com a tortura e morte do acusado. Dessa forma, a execução pública servia como exemplo para os demais e exaltava a força do soberano.

Embora a narrativa de *1984* não ocorra em uma sociedade com moldes feudais, o Grande Irmão pode ser comparado com a figura soberana. Quem feria os princípios do Partido e conseqüentemente, do Grande Irmão, estava sujeito a punições corporais e a morte, que serviam de exemplo para os demais, conforme é descrito:

Quero vê o enforcamento! Quero vê o enforcamento! – cantarolava a garota, saltitando pelo cômodo. Deveriam ser enforcados aquela noite, no Parque, uns prisioneiros eurásianos criminosos de guerra. Isso acontecia uma vez por mês e era um grande espetáculo popular. (ORWELL, 2005, p. 25)

Porém, a principal característica da sociedade em *1984*, se comparada com a obra de Foucault, é que ela é disciplinar. Em *Vigiar e punir* verifica-se que com o fim da Idade Média e ascensão da burguesia, houve a necessidade de criação de corpos dóceis, disciplinados e, portanto, úteis ao trabalho no novo sistema. Com isso, há a criação de arquiteturas e mecanismos que permitam a vigilância dos indivíduos para tornar factível a prática da disciplina. Foucault explica que “o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.” (FOUCAULT, 1997, p. 164) e ainda:

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos. (FOUCAULT, op. cit., p. 166)

Essa transformação no comportamento e nas ações do indivíduo ocorre quando ele internaliza que possivelmente está sendo vigiado. “A disciplina ‘fabrica’ indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.” (FOUCAULT, op. cit., p. 164). Em *1984*, Winston e toda a população, exceto os proles, tinham um comportamento não



natural, pois suas expressões, hábitos e ações eram devassados dia e noite, conforme a narrativa:

O membro do Partido vive, do berço à cova, sob os olhos da Polícia do Pensamento. Mesmo quando está sozinho jamais pode ter certeza do seu isolamento. Onde quer que esteja, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, no banho ou na cama, pode ser examinado sem aviso e sem saber que o examinam. Nada do que ele faz é indiferente. (ORWELL, 2005, p. 202)

Uma vez que a vigilância está intrinsecamente ligada à disciplina, é preciso que haja um dispositivo que permita a observação. É necessário “um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam.” (FOUCAULT, 1997, p. 165). Em *Vigiar e punir*, esse aparelho é exemplificado pelo Panóptico, idealizado por Jeremy Bentham⁹. O prefixo grego *pan* (παν) denota “tudo”, “todos” e *óptico* (οπτος), significa “olhar”. (GINGRICH, 1981). Segue a descrição da estrutura:

(...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (FOUCAULT, op. cit., p. 190)

No romance *1984*, o mecanismo de vigilância que equivale ao Panóptico chama-se teletela. Ela que permite ao Partido transmitir sua programação oficial pela mesma tela em que as pessoas são vigiadas e obrigadas a adotar semblantes falsos, que coadunem com o que o Partido deseja: “Winston voltou-se abruptamente. Afivelara no rosto a expressão de tranquilo otimismo que era aconselhável usar quando de frente para a teletela.” (ORWELL, 2005, p. 8). Ela podia detectar até mesmo as batidas do coração.

Abaixo, suas funções:

Por trás de Winston a voz da teletela tagarelava a respeito do ferro-gusa e da superação do Nono Plano Trienal. A teletela recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo

⁹ Jeremy Bentham foi filósofo, economista, jurista e reformista social inglês. Viveu em Londres entre 1748 e 1832. Fundou a doutrina utilitarista, cujas idéias exerceram grande influência sobre o desenvolvimento do liberalismo político e econômico. (NETSABER: 2010).



vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que poderia ligar determinada linha no momento em que desejasse. Tinha-se que viver – e vivia-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando era feito no escuro. (ORWELL, op. cit., p. 6, 7)

Não obstante à constante vigilância, o indivíduo, que tem a consciência de ser observado, pode se comportar de maneira inesperada. Se o aparelho disciplinar perfeito capacita que de uma única olhada, tudo seja visto permanentemente (FOUCAULT, 1997, p. 167), ainda assim não é possível prever pensamentos, ocultos em conexões neurais¹⁰. Mas, quando Winston resolveu transformar pensamentos em ações, foi visto pelo Partido e sofreu as consequências de seus atos.

Segundo a ideologia do Partido, Winston cometera uma série de crimes: comprou caderno e caneta com os proles e usou esse material para fazer um diário, onde registrou impressões sobre sua vida e questionou o Grande Irmão. Ele chegou à conclusão que vivia cercado de mentiras e passou a odiar o grande irmão. Além disso, envolveu-se emocional e sexualmente com Júlia, que a princípio foi repugnada por parecer completamente submissa e a favor do Partido. Porém, ela também percebia algumas falhas e farsas no sistema. Juntos, burlaram as leis e nutriram sentimentos recíprocos de afeição. Durante algum tempo, encontraram-se longe das teletelas ou dos microfones espalhados pelos bosques nos arredores da cidade. Winston alugou um quarto em um bairro dos proles na tentativa de escapar da vigilância, mas isso foi em vão. Os olhos do Grande Irmão espreitavam todos os lugares e ele e Júlia foram capturados, torturados e reprogramados. Seu torturador disse que “o poder está em se despedaçar os cérebros humanos e tornar a juntá-los da forma que se entender.” (ORWELL, 2005, p. 255) e ainda: “É preciso que ames o grande irmão. Não basta obedecê-lo: é necessário amá-lo.” (ORWELL, op. cit., p. 269)

¹⁰ Um neurônio é conectado a vários outros neurônios através dos *dendritos* e do *axônio*. Os dendritos - uma complexa rede de prolongamentos - recebem impulsos nervosos de outros neurônios e os conduzem ao *corpo celular* ou *núcleo*. Essas informações são somadas, gerando novos impulsos. Caso o resultado dessa soma exceda um determinado limiar, o axônio transmitirá esse estímulo a outros neurônios através de fenômenos químicos denominados *sinapses*. A força sináptica da conexão neural ao refletir o nível de excitação ou inibição entre neurônios adjacentes, capacita o cérebro humano ao armazenamento do conhecimento e o consequente aprendizado. Através das sinapses os neurônios se unem funcionalmente, formando *redes neurais*. (BEALE apud MUELLER: 1996)



Para assegurar que os criminosos (segundo a concepção do Partido) amassem o Grande Irmão, eles eram ameaçados com a coisa que mais temiam, caso os tormentos já impostos não provocassem a mudança de ideia. “Em si (...) a dor nunca é suficiente. Há ocasiões em que o ser humano resiste à dor, mesmo sob risco de morte. Mas para todos há algo insuportável. (...) São uma forma de pressão que não podes aguentar, nem que queiras. Farás o que se te exige.” (ORWELL, op. cit., p. 272). Winston opôs resistência, mas, fez o exigido. No epílogo de *1984*, ele estava em paz pelo fim da luta e por sentir que lograra vitória sobre si mesmo. Winston *amava* o Grande Irmão. Jean-Jaques Rousseau¹¹ diz: “a força é um poder físico; não vejo que moralidade pode resultar de seus efeitos. Ceder à força é um ato de necessidade, não de vontade; quando muito, é um ato de prudência”. (ROUSSEAU, 2007, p.26).

Considerações finais

Ainda segundo Rousseau, “se não houvesse ponto no qual todos os interesses se conciliam, nenhuma sociedade poderia existir. Ora, é somente a partir desse interesse comum que a sociedade deve ser governada”. (ROUSSEAU, op. cit., p. 42). Orwell morreu um ano após a publicação de *1984*, escrito enquanto ele lutava contra a tuberculose. Seu último livro, que tem um final funesto e opressor, é um alerta sobre a invasão de privacidade, manipulação e cerceamento da liberdade que podem acontecer caso a sociedade não seja governada tendo por base o interesse comum e não apenas de um grupo controlador. Com o avanço tecnológico, não é difícil imaginar que aparelhos como a teletela podem realmente ser construídos. O professor Silvio Meira, da UFPE diz “todos deveriam se preocupar com a privacidade antes de perdê-la e ter de lutar para recuperá-la.” (MEIRA apud CARPANEZ, 2009).

¹¹ Jean-Jaques Rousseau nasceu em Genebra, Suíça. Aos dezesseis anos foi para a França e exerceu diversas profissões. Entre 1735 e 1749 empreendeu a formação intelectual como autodidata e tem uma obra variada que conta com romances, tratados filosóficos, autobiografia. Seu pensamento propõe reformar a sociedade, suas instituições e costumes. Denunciou a desnaturação e corrupção do homem em sociedade e por isso, sofreu críticas. Rousseau não considera o homem mau por natureza, conforme aponta a sentença “o homem é naturalmente bom”. (BARAQUIM, LAFFITTE, 2007)



REFERÊNCIAS

BARAQUIN, N., LAFFITTE, J. **Dicionário universitário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BEALE, R. **Neural Computing: an Introduction**. In: MUELLER, A. **Uma aplicação de redes neurais artificiais na previsão do mercado acionário**. 1996. Dissertação (Pós-graduação em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia de Alimentos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2fmpm48>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

BERSTEIN, S., MILZA, P. **História do Século XX: 1940-1945 - O Fim do "Mundo Europeu"**. Vol. I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

CENART - Centro Nacional de las Artes del México. **Internacional Situacionista**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/2cor5bh>>. Acesso em: 09 jul. 2010.

DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 36ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

GINGRICH, F. **An Index to the Bauer-Arndt-Gingrich Greek Lexicon**. Grand Rapids, The Zondervan Corporation, 1981.

LEMONS, A. apud CARPANEZ, J. In: Localizador de pessoas do Google põe privacidade em xeque. Disponível em <<http://tinyurl.com/bg388u>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

MAQUIAVEL, N. **O Príncipe**. São Paulo: Ed. Escala, s.d.

MARX, K. **A Ideologia Alemã**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2008.

NETSABER. **Jeremy Bentham**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/kmfr4u>>. Acesso em 11 de jul. 2010

NUNES, J. **Distopia**. in: E-Dicionário de termos literários. Disponível em: <<http://tinyurl.com/29j928h>>. Acesso em: 14 jul. 2010.

ORWELL, G. **1984**. 29ª ed. São Paulo: Ed. Companhia Editora Nacional, 2005.

PIACENTINI, E. **Maio de 68 foi auge da década em que jovens "aceleraram" a história**. Disponível em: <<http://tinyurl.com/295r8ye>>. Acesso em: 09 jul. 2010.

ROUSSEAU, J. **O contrato social**. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2007.